

Soldados do Corpo Alpino Italiano na Batalha de Stalingrado.

Luiz Gustavo Cossari (Mestrando - UEL)

Em 1942, após já terem combatido na malograda invasão da Grécia nos anos anteriores da guerra, três divisões alpinas - *Julia*, *Cuneense* e *Tridentina*, reorganizadas, totalizando 63 mil homens, partiam para reforçar o avanço alemão no front leste. Pois naquele verão, Mussolini decide, a pedidos de Hitler, intensificar o engajamento italiano na guerra contra a União Soviética. Aumentando ainda mais o contingente que lá se encontrava desde a Operação Barbarossa, em 1941. O primeiro corpo expedicionário italiano, denominado CSIR (Corpo de Expedição Italiano na Rússia) composto por 62.000 soldados, foi enviado ao front russo no início de julho de 1941, depois que Mussolini convencera Hitler a aceitar o engajamento italiano, visando participação nos espólios da guerra, acreditando que seria uma campanha curta. O que denuncia total falta de conhecimento do Duce das condições as quais estava expondo seus homens, bem como o desprezo pelas conseqüências. De nada adiantou as advertências de seus generais.

Este novo efetivo de 227 mil homens, dos quais 63 mil das divisões alpinas e mais outras divisões de infantaria regular foi denominado ARMIR, sigla em italiano para Exército Italiano na Rússia. Sua missão era juntar-se aos veteranos do CSIR que lá estavam desde 1941, formando uma única força combativa, o 8º Exército Italiano que respondia aos alemães do Grupo de Exército A, que incluía o 6º Exército, com a missão de atacar a leste dos rios Don e Volga. (DAVIES, 2009, p.120). Mas ainda mantinham certa independência operacional sob o comando de oficiais italianos.

As dificuldades começam mesmo antes mesmo da luta, pois os alpinos tiveram de desembarcar do trem de carga que os trouxera da Itália e percorrer marchando em meio às estradas lamacentas da Ucrânia os últimos trezentos quilômetros que os separava das posições defensivas frente ao Rio Don. (DiGIANGREGORIO. Disponível em: <http://www.anaabruzzi.eu/ana->

abruzzo/memorie/campagna-di-russia.html). Integrantes dessa nova força, as divisões do Corpo Alpino Italiano inicialmente partiram rumo às montanhas do Cáucaso, pois é no elemento montanhoso que estas tropas poderiam exercer suas especialidades que os configuravam como unidades de elite. Mas no meio do caminho, acabaram sendo deslocados para outro destino final, pois, por decisões estratégicas alemãs, os alpinos seriam deslocados para a frente do Don, a norte de Stalingrado, juntando-se ao 8º Exército. Combateriam na planície a guerra moderna de movimento, enfrentando tanques, aviação e artilharia pesada. Esta mudança drástica selaria seu destino, sendo obrigados a combater com equipamento inadequado e fora de seu elemento. Estas tropas de elite, os soldados de montanha italianos levaram para as planícies: 4.800 mulas e 1.600 transportes motorizados, não possuíam armas anti-tanques, nem defesa anti-aérea, as armas travavam devido ao congelamento, não possuíam casaco de peles, as botas feitas com pregos causavam acúmulo de gelo e congelamento dos pés. Estes alpinos partiam rumo à planície congelada de até quarenta graus negativos com o mesmo aparato bélico com o qual seus compatriotas lutavam no deserto da África do Norte. (DiGIANGREGORIO. Disponível em: <http://www.anaabruzzo.eu/ana-abruzzo/memorie/campagna-di-russia.html>) A notícia de mais uma campanha para os soldados italianos lutarem não foi bem recebida pelas tropas, pois foram estes homens aqueles que seriam mandados para morrer em guerras alheias e em condições precárias. Eles sabiam do que falavam, pois já eram veteranos de campanhas anteriores na Grécia, Albânia e Alpes Franceses. (DiGIANGREGORIO. Disponível em: <http://www.anaabruzzo.eu/ana-abruzzo/memorie/campagna-di-russia.html>). Tanto sofrimento, para eles, em consequência de decisões políticas movidas pela megalomania imperialista dos líderes fascistas. Esta opinião com um tom de crítica, também se faz presente no filme *Italiani brava gente*(1965), de Giuseppe de Sanctis.

Faz-se necessário frisar ainda que a campanha dos alpinos italianos durante sua estada na Rússia serve para lançar um outro olhar a respeito do que se tem escrito e pensado sobre a participação italiana na guerra, e particularmente no front leste. Onde os italianos aparecem muitas vezes

como indispostos à luta: “O 8º Exército Italiano, que ocupava o flanco do Don entre húngaros e o 3º Exército Romeno, causou preocupações nos alemães desde fins de agosto. [...] O quartel-general do Führer foi obrigado a concordar que se devia usar o XXIX Corpo de Exército reforçar a defesa italiana.” (BEEVOR, 2008, 213). Mas vale lembrar ainda que as condições de combate das forças alemãs também estava comprometida devido às pesadas baixas que já haviam sofrido e, a 27ª divisão blindada dada em reforço ao 8º Exército Italiano, não possuía mais que 50 carros de combate. (LÉDERREY, s.d., p.179)

O caso dos alpinos faz-se importante o foco pois, diferentemente destes casos que ocorreram nas divisões de infantaria regular italiana – que receberam as primeiras ondas do ataque soviético com objetivo de cercar Stalingrado. Os alpinos se constituíam uma força de elite, e segundo Bedeschi, portadoras cada divisão de sua honra e tradições a zelar pois, os batalhões eram recrutados nos vales alpinos do norte da Itália, seus membros conheciam-se e formavam-se de conhecidos, amigos e parentes, portadores de sentimentos de solidariedade e orgulho, que deram às unidades coesão e ajudaram a forjar sua reputação de combatentes magníficos. (HAMILTON, 2011, p.29). De forma que motivados por este sentimento de identidade de constituírem uma força de elite, os alpinos lutaram com valor e distinção, reconhecidos em comunicados e ordens tanto alemãs quanto soviéticas:

“Nossas cordas, nossos machados de gelo, nossas botas com pregos, e nossas mulas não vão ser necessárias onde estamos indo. Estamos equipados para as montanhas, mas temos de obedecer ordens superiores. Lá às margens do Don, vamos fazer valer nosso *motto*, ‘*di qui non si passa*’ (daqui ninguém passa)”. (In: HAMILTON, 2011, p.28).

De forma que podemos observar no depoimento do General alemão Günther Blumentritt, comandante do setor guarnecido pela infantaria italiana que veio a sofrer ataques soviéticos, foi com os alpinos que ele contara em situações de risco: “Toda uma divisão italiana batera em retirada às carreiras.

Imediatamente tomei providencias necessárias, fechando a brecha com uma divisão alpina e parte da 6ª Divisão alemã”. (HART, 1975, p. 256).

Uma valiosa reflexão a respeito das condições fisiológicas as quais o corpo humano pode ser lançado em condições extremamente duras presentes na guerra de atrito, pode ser encontrado no texto O corpo e a guerra, de autoria do historiador francês Audoin-Rouzeau, contido na coletânea, História do corpo (2008):

“a campanha contínua consistiu a experiência primeira da maioria dos combatentes ocidentais, particularmente no decurso do período em que o combate foi precisamente uma experiência social de massa. Houve consideráveis consequências somáticas. Observemos em primeiro lugar o esgotamento físico dos combatentes mergulhados nessas fornalhas.[...] A ‘batalha’ moderna prolonga, com efeito, interminavelmente a duração do *stress* dos combatentes, reação ao mesmo tempo física, fisiológica e psicológica que tem por fim mobilizar todas as capacidades de um indivíduo em situação de perigo vital, mas que, prolongada além das possibilidades humanas, provoca um esgotamento irrecuperável. Os combatentes se viram desde modo diante de experiências corporais e psíquicas sem precedente algum na história da atividade bélica ocidental.” (AUDOIN-ROUZEAU, 2008, pp 380-381).

A essas condições estiveram expostos os homens da divisão alpina italiana designada a para a missão de fechar a brecha à qual Blumentritt referiu-se foi a Divisão Alpina Julia, na qual serviu Giulio Bedeschi. As experiências vividas nesses dias difíceis aparecem com detalhes no escrito do italiano. E os alpinos lutaram, enfrentando duríssimas condições, de forma que, mantendo o front por 45 dias de combates ferozes (até janeiro de 1945) contra um inimigo superior em homens, meios e suprimentos à uma temperatura hostil de até -40°C e os congelamentos decorrentes, os alpinos resistiram entrincheirados na planície aberta. Situações que mostram que a vontade de resistir à aniquilação chegava a produzir momentos de bravura e heroísmo como no caso de ataques frontais de soldados desarmados investindo contra tanques:

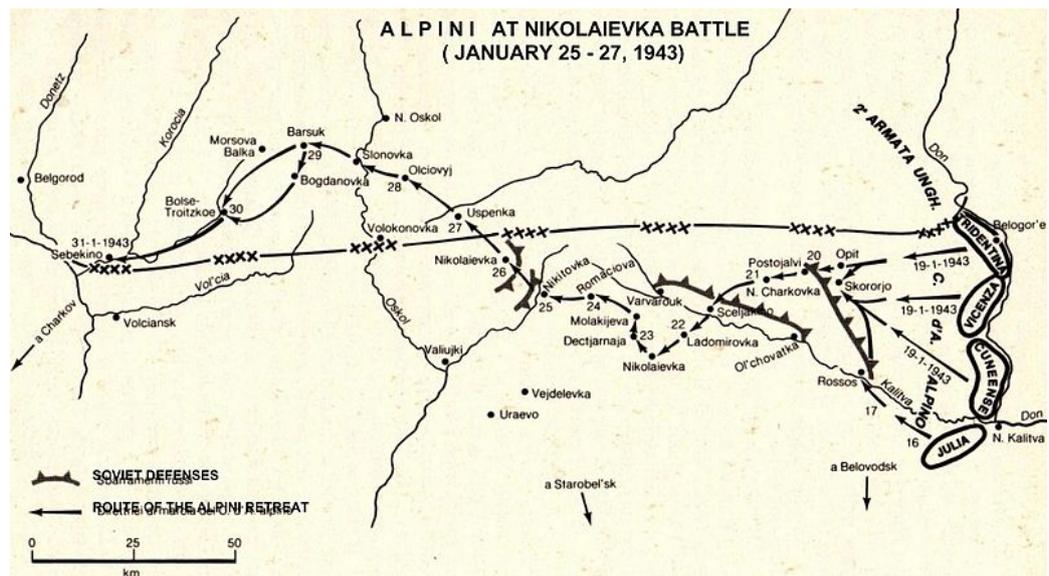
“– Todos os que ainda estão vivos, ao assalto”! Meu grupo à baioneta – rugiu então o coronel Verdotti, empunhado seu revólver. [...] Abandonar tudo! Todos ao assalto. [...] metralhadores desarmados, homens da intendência, telefonistas, enfermeiros, muleteiros, médicos, condutores de veículos, artilheiros sem peças, infantes sem cartuchos, doentes que se arrastavam, feridos arquejando e tropeçando saídos dos

10.4025/6cih.pphuem.307

postos de socorro, armados de baionetas, granadas, paus e facas, brandindo carabinas a modo de clavas; fantasmas assustadores que rompiam em massa compacta em direção ao inimigo, deixando para trás apenas os moribundos e os mortos.

“Caíram sobre os russos furiosamente, atracando-se a eles, e não podendo fazer outra coisa empenhando-se com eles em luta de morte, diante de tanques que rasgavam a neve e as carnes. Atiravam-se as blindagens, caíam sob as lagartas empastadas de carne e sangue, logo substituídos por outros que por fim logravam erguer os postigos da torre e atirar-lhes granadas por dentro, torcer em furibundas coronhadas os canos das metralhadoras.” (BEDESCHI, pp. 1968, 168)

Episódio este que, como aparece também no escrito de Di Giangregorio, rendeu postumamente ao tenente Ugo Piccinini, comandante de um regimento de fuzileiros alpinos, a mais alta condecoração militar italiana, a Medalha de Ouro do Valor Militar.



A marcha de retirada dos alpinos, desde o rio Don até o fim do cerco.

Expostos a toda a sorte de morte e sofrimento nos dias da batalha, seu martírio só veio a terminar ainda 15 dias após uma trágica marcha de retirada pela planície congelada, sem munições ou alimentos. Mas os alpinos tinham de suportar a privação para não caírem em cativo, de forma que a retirada era a única saída, pois se encontravam cercados em meados de janeiro de 1943. Foi durante essa retirada que as condições de sobrevivência se fizeram

10.4025/6cih.pphuem.307

ainda mais extremas. Assim, tinha início o calvário destes homens, uma marcha desesperada, uma coluna enorme rumo a oeste em meio à falta de munições, a fome, o congelamento e os vários cercos inimigos e toda a sorte de dificuldade que enfrentou a coluna de cem mil homens, compostos por 60 mil alpinos italianos, somados aos remanescentes das divisões alemãs, romenas e húngaras que haviam sido destruídas no ataque. Passo a passo “os homens dir-se-iam cegos e mudos; de vivos tinham apenas seu sofrimento. Seus passos marcavam o começo do fim de suas vidas; o que os entravasse, ameaçava-lhes o direito de viver.” (BEDESCHI, p. 1968, 234). Tendo de marchar pelos campos, evitando as estradas infestadas pelos russos, e tendo ainda de lutar mais de onze batalhas para escapar ao cerco, e podendo contar somente com uma divisão com capacidade operacional, a *Tridentina*, para encabeçar a coluna, pois “muitas dezenas de milhares de homens tinham jogado fora as carabinas cujo peso não mais agüentavam, alias tornadas inúteis pela falta absoluta de munições.” (BEDESCHI, 1968, p. 202).



A coluna dos cem mil em marcha pela estepe rumo oeste, visando escapar ao cerco e ao cativoiro.

Mesmo após o combate, o fator agravante da marcha e suas consequentes penúrias ainda pairava, pois

“A derrota, grande fator de desmodernização das forças armadas, só deixa a marcha como solução para os soldados que procuram evitar serem capturados.[...] após as grandes derrotas de 1943 constituíram imensas provas corporais para os soldados que as suportaram. [...] A experiência de guerra também subverteu profundamente os ritmos ordinários do corpo. A relação ao tempo fica assim profundamente perturbada pela falta de sono e pela irregularidade das horas de repouso e das refeições. Apesar de novas possibilidades de logística, falta muitas vezes o reabastecimento.” (AUDOIN-ROUZEAU, 2008, p. 382).

O relato de Bedeschi descreve diversas situações em que podemos observar a que condições extremas estes homens, a mercê da aniquilação durante os dias da marcha foram expostos:

“Desordens estalavam com tanta maior facilidade e violência quando os homens e os trenós que se chocavam eram de nacionalidade e exércitos diferentes. A rivalidade entre raças e mentalidades exacerbava-se naquele derradeiro extremo de vida. Um suboficial alemão, por exemplo, obrigava seus compatriotas feridos a descerem do trenó para dar um pouco de descanso aos seus cavalos; os italianos corriam para o veículo vazio. [...] Insultos e maldições erguiam-se então, logo seguidos por disparos.” (BEDESCHI, 1968, p. 234)

Cabe aqui um parêntese para chamar à atenção a um elemento do relato de Bedeschi, relativo às condições às quais o corpo humano foi submetido durante essa retirada, pois, como médico, ele estava próximo aos feridos e assim e assim a descreve:

“Sucedem coisas incríveis; eu nem sequer imaginava que a resistência humana pudesse chegar a tais limites [...] O frio ainda nos impediu de dormir a noite passada; há cinco dias que não comemos, há seis que estamos marchando... e isso sem falar nos combates. [...] Os feridos, seus ferimentos estão abertos, alguns tem chagas enormes que não posso tratar de maneira alguma... e contudo não noto o menor sintoma de infecção, nem as hemorragias se apresentam serias. Sem dúvida, a temperatura a menos de trinta ou quarenta graus os preserva. Eles vivem chupando gelo. [...] Mas as alterações nos tecidos acentuam-se. Há os que têm os ossos das mãos e dos pés descobertos, ou os dedos caindo aos pedaços. Se conseguirem chegar até um hospital, diversos terão de ser amputados.” (BEDESCHI, 1968, p. 192)



Centenas de quilômetros percorridos pela planície congelada.

Chamamos ainda a atenção para a descrição que o autor faz a respeito da condição psicológica dos soldados durante a marcha e sua luta pela sobrevivência. Ameaçados às vezes, até por explosões de loucura:

“Entoando uma canção disparatada e incompreensível, um alpino saltou para o lado da fila e apontando a sua carabina contra os camaradas. Um destes saiu da coluna para enfrentar o demente, que disparou estatelando-o na neve. Entretanto, outro conseguira acercar-se dele por trás, disparou-lhe um tiro na cabeça e correu a juntar-se aos camaradas que já levavam alguns metros de avanço.”

“O terror de uma ameaça oculta pairava desde algum tempo sobre a coluna. Uma cólera cega invadia os espíritos, revoltados contra a natureza e contra a vida; os homens amaldiçoavam com irreprimível ódio aquele monstruoso reino do frio, e até as escassas forças que os impediam, no final das contas, de se estirarem na neve e por fim ao inenarrável sofrimento. O apelo da morte começava a parecer-lhes amistoso e agradável, pois convidava ao repouso. Mas quando os joelhos se punham a dobrar, um frêmito desesperado percorria-lhes as pernas e forçava-os a avançar mais dez metros, mais um metro, mais um passo.” (BEDESCHI, p.230)

Condições de extremas dificuldades se fazem também visíveis no que diz respeito à desesperadora falta de alimentos a que esses milhares de homens em marcha enfrentavam. Sem acesso a nenhum tipo de suprimentos, pois os trenós puxados pelas mulas já estavam abarrotados de feridos. Em uma ocasião em que chegaram a uma aldeia abandonada e semi-destruída para conseguir abrigo durante a noite, Bedeschi descreve que no momento da chegada os homens

“Punham-se a dar voltas em redor da isba, dos estábulos, dos currais de porcos, à procura de montes de estrume. Quando encontravam punham-se de joelhos, enterravam as mãos crispadas na neve alta, escavavam-na até a camada de estrume, revolvendo-a como porcos enlouquecidos, a fim de retirar as beterrabas e os nabos podres que a moça da herdade, no tempo do calor, para ali trouxera preguiçosamente, às carradas...” (BEDESCHI, 1968, p. 200)

[E na hora do repouso deitados nos casebres] os soldados estavam nervosos e não conseguiam adormecer. Se algumas horas de repouso não fossem indispensáveis às mulas, eles teriam preferido partir a ficar estendidos nas isbas, mastigando reboco das paredes e chupando fibras de madeira.” (BEDESCHI, 1968, p. 252)

No relato de Bedeschi, podemos ainda destacar um outro elemento social daquela trágica realidade, a relação entre os civis ucranianos e os soldados italianos que, segundo o autor, foram de certa forma amistosas e imbuídas de compaixão por parte dos camponeses da Ucrânia que, segundo ele, comovidos

“juntavam as mãos à vista daqueles homens andrajosos e desfigurados. As mulheres corriam para as cozinhas e voltavam com escudelas de leite que ofereciam aos soldados, [...] os soldados despediam-se com grandes gestos, abraçando as mulheres que se furtavam rindo, e avançavam algumas dezenas de metros com a boca cheia de manteiga, de abelhas, de pão e de mel. [...] – ‘Não comam tanto, rapazes, [...] vocês arriscam morrer de indigestão’ [dizia um oficial médico], segurando com ambas as mãos uma broa de pão que pesava pelo menos três quilos, e da qual já devorara quase a metade.” (BEDESCHI, 1968, pp. 260-261).

Enfim, depois de tantas mazelas, acabava a marcha e terminava o calvário dos alpinos e dos demais combatentes que integravam a coluna. Enfrentando as mais extremas condições os sobreviventes chegaram às linhas no oeste onde as demais forças do Eixo haviam recuado e estabelecido nova linha de

frente. Aqueles que não foram mortos ou capturados seriam repatriados. Restavam os que não sucumbiram diante da fome, do frio, do congelamento, das doenças, dos piolhos, dos combates contra o cerco do inimigo, até dos assaltos de aviões russos contra a coluna desarmada. Depois de quarenta e cinco dias de uma vida sem esperança, arrebatada de hora em hora ao frio, à morte, ao absurdo, ao cabo de quinze dias de cerco, onze combates e setecentos quilômetros percorridos a pé a neve, os homens [...] gozaram pela primeira vez de sono tranquilo e repousante. (BEDESCHI, 1968, p.263).

A catástrofe italiana na Rússia serviu para agravar ainda mais, segundo Di Giangregorio, a situação da Itália na guerra e dos fascistas, que já em 1943, viam a expulsão das forças eixistas da África do Norte pelos aliados e viviam a expectativa de uma invasão aliada em território italiano (FREDBORG, 1945, p. 186). Assim, a derrota na Rússia foi do regime fascista, de sua gestão da política externa e militar, da hierarquia e dos oficiais superiores, a todos os níveis; foram todos cúmplices do Duce. De forma que, segundo Di Giangregorio, o governo fascista procurou esconder dos olhares da população os soldados que voltavam do front russo, de tão miserável o estado em que se encontravam os poucos sobreviventes de uma campanha desastrosa, como podemos observar também num episódio narrado por Badeschi, quando os alpinos retornando da Rússia, são tratados da seguinte maneira na primeira estação italiana, o que provocou a revolta dos soldados que tanto tinham lutado para serem assim tratados de volta ao lar e com um fim inglório:

Para os vagões, vamos partir!

– gritavam os funcionários da estrada de ferro.

- Fechem os vidros das janelas! [...] gritavam ainda os funcionários passando diante dos vagões e fechando a chave as portinholas.

- Ninguém mais pode descer! Nas estações é proibido mostrar-se às janelas! Fechem os vidros. Insistiam as vozes. [...]

– Não convém que a população os veja, é a ordem.

- Não somos gado! - Começaram a protestar de dentro dos vagões.

– Estamos na Itália! Nós somos os alpinos! (BEDESCHI, 1968, p.283)

Segundo Hope Hamilton, dos 63 mil soldados enviados para as estepes ucranianas, houve cerca de 51 mil baixas entre mortos, feridos, capturados e desaparecidos. Não obstante, conforme Di Giangregorio, este não fora o fim da guerra para os sobreviventes de Stalingrado pois ainda era 1943. Restavam mais dois anos de conflitos com adesão de muitos dos alpinos aos partisanos nas montanhas, ao exército e aos aliados, ou ainda, às forças da República Social Italiana que combateram pelo Eixo. Oficialmente o Corpo Alpino Italiano foi desbaratado depois da guerra como restrição ao tratado de rendição italiana que restringia as forças militares, para ser reativado quando da fundação da OTAN. No que se refere à memória, como antes mencionado, é vasta a produção cultural a respeito da campanha italiana na Rússia, e conta-se ainda com uma associação de veteranos alpinos, que possui web site com vasto conteúdo relacionado ao tema. Além de existir também, desde 1993, o Museu do Médio Don, na cidade de Rossoch, na Rússia e é dedicado à memória dos combatentes italianos daquela campanha.

Referências bibliográficas:

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. **Massacres, o corpo e a guerra.** In: COURTINE, Jean Jacques. **História do corpo.** 4ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEDESCHI, Giulio. **Cem mil marmitas de gelo.** São Paulo: Flamboyant, 1968.

DAVIES, Norman. **Europa na Guerra 1942 a 1945.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

Di-GIANGREGORIO, Maurílio. **Gli alpini di Castel di Ieri e gli alpini abruzzesi nel ricordo Del Sottotenente Giuseppe Prisco.** Disponível em: <http://www.anaabruzzo.eu/anaabruzzo/memorie/campagna-di-russia.html> Acesso em setembro/2012.

FREDBORG, Arvid. **Atrás da muralha de aço:** Um correspondente sueco no III Reich – 1941-1943. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

HAMILTON, Hope. **Sacrifice on the steppe: The Italian Alpine Corps in the Stalingrad Campaign, 1942-1943.** USA: Casemate, 2011.

HART, Liddel. **O outro lado da colina.** Trad. Cel. Art. Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1975.

KREIPE, Werner. **Decisões Fatais.** Rio de Janeiro: Hemus, 2005.

LÉDERREY, Coronel E. **A derrota alemã no leste.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1955.

WATSON, Adam. **A Evolução da Sociedade Internacional: Uma análise histórica Comparativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.